

LUIZ CARLOS NOGUEIRA: O TESTEMUNHO DE UM COMPROMISSO ÉTICO COM A PSICANÁLISE

Christian Ingo Lenz Dunker

Conheci Luiz Carlos em 1988, na disciplina Linguagem e Psicanálise, que depois se desdobrou em uma série de grupos de estudo, cartéis, módulos da antiga Biblioteca Freudiana, bem como em um conjunto de congressos, eventos e atividades associativas dos quais destaco a antiga Associação Psicanalítica Escrita Freudiana e o atual Fórum do Campo Lacaniano. Nestes quinze anos estive às voltas com a tentativa de decifrar seu estilo e, sem dúvida, com os efeitos de seu ensino. Digo decifrar porque seu ensino parece atravessado por uma série de tramas e de exigências que no momento em que se consegue pegar uma delas é como se os outros fios da meada ... a gente não soubesse o que fazer com eles. Acho que só mais tarde compreendi que isso tinha que ver com a sua tese maior, ou seja, a irreduzibilidade do inconsciente e da experiência analítica.

Antes disso, Luiz Carlos parecia-me sobretudo um kantiano. Ou seja, alguém que via a psicanálise atravessado pela experiência da crítica. Da crítica aos fundamentos da psicanálise na realidade objetivável e no mundo sensível da percepção. A ênfase na linguagem ocuparia, assim, o lugar da razão como campo do sujeito. Era pelo kantismo que me parecia compreensível seu forte diálogo com a universidade. Ressalte-se, a universidade, aqui, era problema e não solução. Problema tanto do ponto de vista formativo quanto do ponto de vista da reunião de saberes com fundamentos distintos, sinteticamente a filosofia e a ciência. Aqui, dois textos marcaram nossas discussões: *Lacan e a Filosofia* de Alain Juranville e *A Obra Clara* de Jean Claude Milner, além, é claro, de o Lacan de *A Ciência e a Verdade*. Disso resultava um Lacan que recolocava a Psicanálise em diálogo com a ciência,

ao mesmo tempo em que subvertia seu sujeito. Na outra face, a filosofia de Heidegger e Hegel que era chamada, com muita propriedade, e de preferência sem preciosismos, para entendermos que o saber em questão na psicanálise era de outra natureza. Nisso éramos jogados de um lado para o outro a espera de que, em algum momento, a síntese salvadora viria. Claro que não vinha. Enquanto isso, cultivávamos o mito do Lacan unificador dos saberes e ganhávamos, em contrapeso, noites insones, dedicadas aos clássicos da epistemologia ocidental.

Resolvido que a psicanálise não era nem a ciência rediviva nem a chave da filosofia feita por um anti-filósofo, mas estabelecido que, se não se podia chegar a esta conclusão sem a dura tentativa que a precede, chegamos a um outro terreno onde a solução parecia se adiantar: a ética. Nos tempos do mais puro terror institucional estava lá Luiz Carlos, fazendo nos ver que tudo, ou quase tudo, estava no *Seminário 7*. As mais vetustas demonstrações cabalistas, em torno de uma lógica política movida a palavras de ordem, eram defletidas com a ética e, o principal, eticamente. Mais uma vez Kant, agora o da *Razão Prática*, aparecia no horizonte. Neste momento agudo, onde teria sido fácil levantar objeções e catalisar uma posição alternativa, em vez de respostas, o que encontrávamos eram problemas. O caráter radicalmente não objetivável do sujeito era lembrado sempre que se impunha uma solução genérica. A ética como questão, escansão, aporia e não como agir automático em nome de uma causa. Abismávamos ao ouvir coisas como “*Sim, você tem razão, mas esta foi a solução que Lacan encontrou, qual é a sua solução?*”. Aquele que muitas vezes era, injustamente, acusado de repetir Lacan, mantinha uma cuidadosa distância da autoridade da qual poderia se utilizar, atento que era a seus efeitos alienantes. A ênfase na ética ficava, assim, curiosamente limitada pela lembrança de que se tratava da experiência analítica e não de visão de mundo. Mas essa ênfase na ética combinava com um efeito que só se podia extrair em ato no seu ensino. Era uma lição de humildade intelectual e de horror à soberba que assola às praias lacanianas.

Neste ponto, começamos a ouvir mais e mais sobre esta experiência singular que é a clínica psicanalítica. Toneladas de conceitos e as mais in-

trincadas exigências formativas dobravam seu peso diante da força da simplicidade. É o momento da Tese de Livre Docência *A Psicanálise: Uma Experiência Original - O Tempo de Lacan e a Nova Ciência*. Nela está registrado o grande debate com a ciência e a filosofia, nela aparece a ética sempre em seu lugar estratégico, mas, além disso, junta-se o fio do próprio tratamento analítico. A pesquisa de cada um sobre o inconsciente. O exercício, que ele gostava de comparar à prática do piano, mas também com o encontro criativo comparável ao fazer artístico. A dimensão não antecipável da relação entre falantes sob transferência. O ato primordial tomado em seu tempo e sob seu lugar. Aqui aparecem temas malditos na tradição lacaniana. Esta experiência original é transformadora, cria algo novo e artificial. Ela deve se orientar pela autonomia, constituindo uma nova forma de construção, que não pode ser comparada a nenhuma outra já inventada pelo homem. A Tese dá continuidade à vertente de crítica do objeto, agora no plano do objeto do fantasma, no objeto de gozo e no objeto como negatividade. A crítica do objeto como referente e ao saber como totalidade juntam-se, assim, sob a égide da noção de experiência: abordada agora fora da apreensão intuitiva e imediata como um real problema. A lição que vinha junto com esta volta de seu ensino era, mais uma vez, o retorno à força simplificadora do simbólico, em sua simplicidade, mas também de um certo humor surpreensivo, que não estávamos acostumados a reconhecer no professor.

Tratava-se de uma lição antecipatória. Isso colocava em cena o problema não evidente das condições sob as quais se poderia falar da experiência analítica. É pelo veio epistêmico e não pelo político, ou da garantia, que a questão do passe se colocava. Severas e acaloradas foram as discussões neste ponto. Avesso à polêmica como método e às soluções práticas como exigência de ocasião, Luiz Carlos nos convidava sempre à exigência do pensamento. Retorno aos textos, portanto, e à *Proposição* em primeiro lugar. Rapidamente, constatamos as disparidades entre suas versões, o que, somado com os relatos históricos e testemunhos, gerava um quadro de caos e incerteza. Lição de método: nestes casos, antes de dois passos à frente, um à trás. Voltemos a falar sobre este tal estabelecido consenso: o significante e a linguagem. O mundo caindo e nós, aqui, no movimento da linguagem ao

significante e do significante à linguagem. Sim ... o passe - precisamos falar mais sobre isso.

Parece que nesta volta algo que estava lá, desde o início, de repente surgia como novo: a Lógica. Desde as primeiras aulas, Luiz Carlos não escondia sua predileção sobre o artigo sobre o *Tempo Lógico*. Parecia o complemento natural da série: o significante, a linguagem ... e o tempo lógico. A lógica, à qual nos acostumáramos a ver como uma continuidade do estruturalismo lacaniano parecia dar frutos para além dos ganhos em termos de transmissão e rigor. Agora a coisa era incontornável. Os fios se juntavam novamente. A crucialidade do *Seminário 11*, que nos ocupara por tanto tempo, não residia apenas na importância do objeto *a*, nem na afirmação do inconsciente como algo ético cernido por uma estrutura temporal, mas na inovação metodológica, sem a qual não se podia entender a diferença entre alienação e separação, bem como as conjecturas em torno do Real. Além disso, ficava nítida a linha de força que unia o *Seminário 11* ao *Seminário 16*, o gozo como categoria logicamente apreensível.

Não chegamos a um acordo sobre se o recurso aos matemas prescinde da linguagem natural e se isso é, portanto, condição suficiente e necessária para falar da experiência analítica. Posso dizer, no entanto, que tudo o que escrevi, até hoje, sobre psicanálise, incluindo minha tese, da qual Luiz Carlos fez uma brilhante arguição, está marcado por este diálogo. Minha tese é sobre o tempo, sem dúvida alertado por ele para a crucialidade deste tema na obra de Lacan. Meu primeiro livro, sobre a interpretação, responde à sua insistência na linguagem, em sua dimensão tensa entre ética e lógica. Meu livro sobre o gozo está atravessado por esta espécie de chamado de retorno à clínica, que dele ouvi.

Em Psicanálise, às vezes parece feio dizer que se tem um mestre, ainda bem que pude ter o meu. Obrigado.